

# *O momento e a forma de construir uma cidade no noroeste da Hispânia, periferia do Império romano e fronteira atlântica*

Lino Tavares DIAS  
DRCN - CITCEM

## **Resumo**

Neste trabalho procuro sintetizar a forma como o romano construiu TONGOBRIGA, uma cidade no noroeste da Hispânia, situada na periferia do Império e fronteira atlântica. Suporto esta síntese nos resultados de investigação realizada ao longo de anos desde 1980 e julgo que pode ajudar a compreender o âmbito e a dimensão da aculturação, vulgarmente denominada de *romanização*. No noroeste da Hispânia, durante o século I e início do II d. C., a engenharia romana construiu estruturas públicas e privadas à *medida do corpo*, usando técnicas vulgares para a época entre os romanos, embora com ligeiras modificações e adaptações que os arquitetos e urbanistas introduziam e que estão reconhecidas nesta cidade.

**Palavras-chave:** Periferia – Cidade – Urbanismo - Arquitetura

## **Abstract**

In this work it is my intention to summarize the way romans built TONGOBRIGA, a town in the northwest of Hispania, located at the empire's periphery and the Atlantic frontier. This summary is supported by the results of years of investigation, which began in 1980, and I think it may help understand the scope and range of the acculturation process, usually known as *Romanization*.

Here, in the northwest of Hispania, during the 1<sup>st</sup> century A.D., the roman engineering force built public and private structures using *human body measurement units* and techniques which were common among romans in those times, although small modifications and adaptations were introduced by architects and urban-designers. Those are easily recognized in this town.

*“A montanha foi muito tempo o solar do homem primitivo, vagabundo relapso sem outra telha que o céu estrelado. Ali viveu séculos e séculos entre robles frondosos, castanheiros que lhe davam boa sombra e castanhas, esfomeado crónico, mas livre. Um dia empurraram-no para o vale, onde era menos perigoso e onde podia prestar serviços, extraindo a cassiterite das minas, e o castelo dos altos ficou desamparado. O penedal é a ruína palacega da montanha.”*

Quem escreveu este texto foi Aquilino Ribeiro, integrado na obra romanceada com o título “O Homem da Nave, publicado em 1954. Em poucas frases, Aquilino Ribeiro levanta diversas questões sobre o relacionamento político, social e económico que a dominação romana terá provocado e sintetiza a forma de viver do homem nos castros e, também, a alteração de vida que a economia romana lhe trouxe, a uns por imposição, a outros por aculturação.

O aparente desafio apresentado nesta obra do século XX pode ser discutido e avaliado a partir dos resultados que a investigação arqueológica tem proporcionado.

A articulação e complementaridade entre a investigação arqueológica e o estudo da arquitetura antiga têm permitido que nos últimos anos se tenham desenvolvido observações sobre o noroeste da Hispânia, especialmente sobre a bacia do rio Douro, as quais evidenciaram a criação de cidades “novas” neste território periférico do Império romano e que segundo Estrabão “caracterizava-se por ser montanhoso e onde a circulação era difícil”.

Neste trabalho procuro sintetizar a forma como o romano construiu uma cidade no noroeste da Hispânia, situada na periferia do Império e fronteira atlântica. Suporto esta síntese nos resultados de investigação realizada ao longo de anos desde 1980 e julho que pode ajudar a compreender o âmbito e a dimensão da aculturação, vulgarmente denominada de “romanização”.

Os resultados que agora apresento, integrando a publicação dedicada ao Prof. Doutor Armando Coelho Ferreira da Silva, incidem sobre o período cronológico que corresponde à alteração que é apontada por Aquilino Ribeiro no seu texto, precisando o período do final do século I a.C. e o início do séc. II d.C., o qual é especialmente rico no território sobre o qual nos debruçamos e que genericamente pode ser denominado como *Territorium* de *Tongobriga*.

É um espaço geomorfologicamente limitado e muito marcado a nascente pela serra do Marão com os cerca de 1.400 metros de altitude e a sul pela serra do Montemuro com cerca de 1.380 metros de altitude. Em contrapartida, a poente e a norte o espaço alonga-se por terrenos agrícolas à altitude média de 150 ou 200 metros, já na margem direita do rio Tâmega. Neste espaço evidenciam-se, como marcas naturais determinantes, os rios Douro e Tâmega, assim como o Ovil, o Teixeira, o Bestança, o Paiva e o Cabrum. O Douro, correndo de nascente para poente, o rio Tâmega como seu afluente na sua margem direita, correndo de Nordeste para Sudoeste, tal como o Ovil e o Teixeira, e os rios Cabrum, Bestança e Paiva, afluentes da margem esquerda, correndo de Sudeste para Noroeste. É uma região de colinas e serras de circulação difícil, como aponta Suzanne DAVEAU (1991: 1143) que integra a unidade de paisagem definida

por Orlando RIBEIRO (1986: 188) como «montanhas do norte da Beira», embora se vá diluindo, para noroeste, na paisagem do Entre Douro e Minho<sup>1</sup>.

Encontramos neste território os castros implantados em espaços situados aos 400 metros de altitude, onde construíram predominantemente as casas de planta circular e com cobertura em colmo que, na maior parte das ruínas observadas, seria suportada por poste central.

Perante esta paisagem dos castros situados nos pontos altos, com as encostas dominadas por carvalhais e por soutos, os romanos promoveram reformas profundas ao longo do século I, as quais estão bem identificadas na bacia do Douro. Se o século I é já uma fase avançada da expansão da política romana sobre o território da Hispânia, na medida em que a zona mediterrânica já estava “romanizada” há cerca de 200 anos, o homem da zona atlântica, segundo Estrabão, ainda habitava a montanha e estaria disperso por dezenas de tribos que pulverizavam o sistema económico que os romanos queriam implantar. É reconhecido que em todos os territórios sob gestão do império a economia romana aplicava, de forma muito forte, muita mão-de-obra para cultivar a terra, tornando a agricultura um forte contributo na economia. No entanto, o facto salientado por Estrabão de que na região montanhosa do vale do Douro os habitantes dos castros comerem pão feito com castanha ao longo de grande parte do ano parece mostrar a pouca importância da agricultura entre os montanheses.

Os novos sistemas de intervenção no território introduzidos pelos romanos tiveram repercussões profundas nas economias locais e no quotidiano das populações, não só pelos novos sistemas de organização do trabalho, reconhecidos em Tongobriga pelas exigências postas pelas grandes empreitadas dos edifícios públicos da cidade, mas também pela quantidade de mão-de-obra exigida para cultivar as terras indispensáveis à produção suficiente para alimentar as populações deslocadas para construção da cidade. Os novos sistemas desenvolvidos no século I certamente que terão alterado as relações tribais de algumas populações, não só pelo reagrupamento social nas novas estruturas em construção, mas também terão alterado as relações administrativas, políticas e culturais que os anos de construção de Tongobriga proporcionaram.

Tongobriga, centro da nossa investigação, foi a cidade mais ocidental na bacia do Douro, com edifícios públicos construídos no fim do século I e início do século II, integrando um conjunto que se desenvolveu no plano urbano e arquitetónico durante a dinastia flaviana e que pode ser entendida como materialização do desejo estratégico expresso no edito de Augusto que reconhecemos como « el Bierzo », perspectivando uma província “transduriana”. Para a construção da cidade de Tongobriga, tal como aconteceu noutras cidades como Clunia, Uxama, Tiermes, Petavonium e Aquae Flaviae, foram aplicadas todas as regras da topografia e foram usadas as melhores técnicas de implantação dos edifícios, quer fossem públicos quer fossem privados. A mesma qualidade constata-se nas técnicas construtivas que foram aplicadas para

---

<sup>1</sup> Para a caracterização sumária da região é determinante o reconhecimento das especificidades descritas por RIBEIRO (1986) e (1991: 1241-1265), por LAUTENSACH (1987: 121-166) e os comentários de DAVEAU (1987: 201-277).

executar projetos de arquitetura e de engenharia de grande precisão. Esta é a prova de que o desenvolvimento de uma civilização se manifesta, igualmente, por uma intensa atividade de edificação pública e privada.

No noroeste da Hispânia foi sobre os terrenos situados em torno dos 300 metros de altitude que a engenharia romana, durante o século I e início do II d. C. construiu as estruturas públicas e privadas “à medida do corpo”, usando técnicas construtivas vulgares para a época entre os romanos, embora com ligeiras modificações e adaptações que os arquitetos e urbanistas introduziam e que estão reconhecidas ao longo do Império (Chouquer, 2010, 56).

Foi o que aconteceu na cidade de Tongobriga, assumida como capital do *territorium* da *civitas*, mas também nas estruturas agrícolas que identificamos, algumas com fundi que poderiam ter 100 hectares contínuos, como as que registamos em Vilarinho e em Urrò, na margem direita do Tâmega, mas também noutras na margem esquerda como no Outeiro (Tuias) ou sobre o rio Ovil, em Esmoriz (Ancede). A quantidade de construção teve efeito significativo na alteração da paisagem, mudando-a profundamente, não só pelo corte de carvalhos e de castanheiros nas encostas, mas também pela promoção da estrutura agrária, cujas consequências ainda não identificamos plenamente.

As edificações em Tongobriga mostram que os arquitetos e os planificadores utilizaram as medidas romanas “à medida do corpo”, particularizando o *digitus* e o *palmus* na proporção dos tijolos, o *pé* (0,296m) na medição dos muros, o *passus* (1,479m) na proporção das salas, o *actus* (35,52m) e o *actus quadratus* (1261,44m<sup>2</sup>) no loteamento urbano, O *jugerum* (2 *actus*) de 2522,88m<sup>2</sup> e a centúria (200 *actus*) correspondente a 504576m<sup>2</sup> foram usados nas áreas de intervenção, certamente como resposta pragmática à necessidade da planificação regional, mas eventualmente para servir, tal como noutras zonas do Império, para registo matricial com efeitos fiscais. A análise das técnicas construtivas e dos modelos utilizados em Tongobriga e a comparação com os utilizados noutras cidades construídas no Império depois da “paz de Augusto”, confirma a “transnacionalidade” das técnicas e das políticas construtivas, apesar da tradição do tijolo ser dominante no Império e aqui estarmos perante construções em granito, com todas as exigências especiais que tal exige, quer na especialidade de mão-de-obra quer na maior duração das obras e das empreitadas.

Aos homens que construíram os objetos arquitetónicos da civilização romana não se punha a questão de que um dia alguém se ía preocupar em restituir as suas formas e modelos para tentar compreender os seus pensamentos e explorá-los como objetivo de conhecimento (ANDRÉ, P., 2011,147).

Esses homens desenvolviam atos racionais de produzir e os seus métodos de trabalho refletiam os princípios de gestão de obra que se adaptavam e progrediam em função das necessidades e das condições técnicas. Estamos certos que também esses planeadores e executores discutiam a relação entre custos e proveitos, quer fossem económicos ou sociais, incluindo o marketing político que representava a construção de uma cidade.

Atualmente, quando nós tentamos restituir a ruína de uma cidade, hoje monumento, é indispensável penetrar no pensamento antigo, no pensamento dos que conceberam e dos que construíram. A investigação transdisciplinar que ao longo dos anos desenvolvemos em Tongobriga, procurou tratar o domínio das “proporções” propostas por Vitruvius, o domínio do desenho urbano, o do projeto de arquitetura, o das técnicas de construção, o da cronologia e o dos materiais arqueológicos.

É com estas informações diversificadas e com as salvaguardas de interpretação que o arqueólogo tem de assumir, que posso fazer uma descrição sumária de Tongobriga, recorrendo também ao desenho que apresento na Fig. 1 (ROCHA, 2011: 18).

Constatamos que no final do século I a.C. e no início do século I d.C., foi construída uma muralha com troços retilíneos. Junto dela, no lado exterior, a sul, foi construído o balneário do tipo pedra formosa<sup>2</sup>. Na área interior da muralha com cerca de 13 hectares (138.000m<sup>2</sup>), estão identificadas casas de planta circular.

A cronologia de construção desta muralha e das casas de planta circular permitem pensar que estamos perante um “novo” castro construído em terrenos situados aos 300 metros de altitude, na medida em que os castros mais antigos identificados na região estão todos implantados em terrenos situados aos 400 metros de altitude. Podemos pensar que estamos perante um castro construído em período da governação de Augusto e fruto da nova política de motivação à mobilidade das populações, tal como aponta Estrabão.

As casas de planta circular e com cobertura em colmo, características da arquitetura castreja, foram as únicas edificações identificadas durante as escavações arqueológicas, as quais também afirmam que essas casas foram totalmente substituídas, em cerca de duas gerações, por casas<sup>3</sup> de arquitetura romana do tipo itálico, casas com circulação sequencial, casas de corredor<sup>4</sup>, casas de pátio<sup>5</sup>, estas com *impluvium* central e totalmente cobertas por telha cerâmica. Os telhados foram uma das grandes inovações tecnológicas que este território teve, em simultâneo com a construção da vida urbana. A cobertura da denominada «casa com *impluvium*» em Tongobriga é um bom exemplo. Com a área de 325m<sup>2</sup>, o telhado tinha o mínimo de 1.252 telhas. Cada telha recolhida em escavação tem o peso de 12,5kg, totalizando 15.650kg. Recolhemos também o *imbrex* com o peso de 3,97kg. Acrescia o cimento que ligava a *tegulae* ao *imbrex* e que tem o peso médio de 5,06kg. Este telhado só em materiais cerâmicos e cimento tinha o peso de 21.068kg. Esta casa tinha traves e vigas de madeira capazes de suprir vãos de 4,60 metros e de 7 metros. Isto só era possível pela qualidade da madeira de carvalho e

---

<sup>2</sup> Vitruvius escreveu: «Dos que habitam junto do rio Douro, alguns vivem à maneira dos Lacedemónios, untam-se duas vezes ao dia e tomam banhos de vapor que fazem com pedras ao rubro» (ESTRABÃO, III, 3: 6).

<sup>3</sup> PEDRO VEJA (1999: 55-75) aponta três tipos: casas com circulação sequencial, casas de corredor, casas de pátio.

<sup>4</sup> Em Tongobriga identificamos este tipo de edifício na casa onde existia a oficina com forja.

<sup>5</sup> Vitruvius (2, 8, 17) aponta a obrigação das paredes exteriores terem a espessura de «pé e meio» (29,6cm + 14,8), o que corresponde aos 44,4 cm registados nas paredes exteriores das casas «itálicas» e de «corredor» em Tongobriga.

castanheiro que era abundante na região.

Como já aponte, foi a partir de finais do século I e durante a primeira metade do século II que identificamos as construções do Fórum, das Termas e do Teatro, implantados em espaços a sul, assumidamente no exterior da primeira muralha. Por esta razão remodelaram o seu traçado (Fig.1), ampliando-a de modo a integrar os novos espaços, embora salvaguardando a continuidade dos espaços de necrópole de cremação já existente e que assim se manteve no exterior do novo traçado. A área global de espaço intramuralha passou para cerca de 21 hectares (21.650m<sup>2</sup>).

A construção do conjunto de espaços e edifícios públicos que transformaram Tongobriga foi concentrada em período flaviano, pós Vespasiano. Nesta fase da construção da urbe o *Actus* (35,52m) foi o suporte à rede quadricular que ordenou todos os projetos e a construção, apesar da difícil implantação num terreno granítico morfológicamente acidentado. No desenho indicado como Fig.2 procura-se (ROCHA, 2011:72) sintetizar a implantação do *Actus* na estruturação da cidade no final do séc. I e início do séc II. Nos projetos dos edifícios o *Passus* (1,479m) foi usado como modelo até ao limite do desenho. No entanto, o que mais surpreende é a inteligência da implantação urbanística rigorosamente baseada no *actus quadratus* e a qualidade dos projetos dos edifícios baseados no *passus*, transmitindo ao sítio uma qualidade urbana visível no *forum*, nas termas, no teatro e nas *domus*.

Por exemplo, o espaço de implantação das termas corresponde a um *Actus quadratus*.

O edifício das termas, construído segundo um projeto clássico, seguiu a sequência do uso em que o utente começa no *frigidarium*, passando ao *tepidarium*, para terminar no *caldarium*. A *natatio*, tal como as restantes estruturas das termas, também foi construída em granito, embora numa fase de obra de remodelação do edifício, ocupando o espaço de jardim da primeira fase de construção em período flaviano.

O uso do granito de boa qualidade salienta-se em todo o edifício, embora nas zonas sujeitas a maior aquecimento também seja usado o tijolo, sempre aplicado de forma complementar e de tal modo homogéneo que permite perceber que procurava responder às exigências térmicas e estruturais.

A conjugação dos materiais usados com as tipologias de construção permitem reconhecer a qualidade global do edifício, reconhecendo também o gosto usado na decoração interior das salas, especialmente as que tinham estuques esculpidos e moldados

Podemos afirmar que os autores dos projetos públicos usaram um módulo de 1,479m, correspondendo a 5 pés de 29,58 cm cada, o que é, tão só, uma ligeiríssima alteração ao *passus* (1,480m), correspondente a 5 *pes* de 29,6 cm, enquanto medidas inscritas nas tabelas romanas. Este módulo de 1,479m é usado rigorosamente, quer nas proporções internas das salas das termas tal como *tepidarium*, *frigidarium*, *caldarium*, *apoditerium*, *natatio*, quer nos corredores e zonas de apoio às fornalhas, também nas latrinas. Como exemplos podemos observar que no *unctorium* e no *frigidarium* a proporção é de 8 módulos por 3, enquanto que a proporção no *tepidarium* é de 4 por 3, igual ao *caldarium*, embora a este tenhamos que acrescentar as duas banheiras de 3 por 1, transformando-o num espaço global de 6 por 3 módulos. No compartimento

de apoio às fornalhas a proporção é também de 6 por 3, enquanto que no corredor de acesso é de 10 por 2 módulos. O espaço da *natatio* é de 9 por 8, correspondendo a piscina a uma proporção de 6 por 5. O *apoditerium* tem a proporção de 7 por 4 e a *latrina* 4 por 2.

A construção do edifício das termas foi rigorosamente enquadrado na ortogonalidade geral implantada na cidade baseada no *actus* e devidamente orientada, salientando o cuidado respeitador dos princípios vitruvianos, segundo os quais a fachada principal do edifício deveria ser banhada pelo sol poente, correspondendo também aos espaços “a céu aberto” que eram usados durante a tarde, tal como a *palestra* e a *natatio*.

O mesmo módulo de 1,479m foi usado nos projetos dos espaços exteriores dos edifícios e no do *forum* de *Tongobriga*.

O arquiteto desenhou e implantou o *forum* de modo a que o *cardo* lhe servisse de eixo de simetria, bem evidente para quem entrava pelo lado norte, perpendicular ao eixo maior. Assim, quem entrava no *forum* deparava-se com um espaço de cerca de 10.000m<sup>2</sup>.

O topo sul do *forum* fechava com uma plataforma com muros em aparelho poligonal, com 94 *passus* de comprimento e 6 de largura, marcada por 28 contrafortes graníticos espaçados com 3 *passus*, construídos em *opus quadratum*. Excetua-se o espaço de 4 *passus* entre a 14<sup>a</sup> e o 15<sup>a</sup> contraforte, ampliando propositadamente a plataforma para 12 *passus* de largura, salientando aparentemente a simetria do espaço com altura de 4 módulos e que suportava a cobertura de duas águas em telha. Cheguei a apontar em textos anteriores a existência de um eventual porticado com colunas na plataforma situada do lado sul, embora a evolução da investigação nos obrigue a duvidar de tal hipótese, principalmente pela dificuldade de construção de um grande telhado que cobrisse a plataforma.

O acesso à plataforma situada a sul fazia-se por 3 escadarias com a altura de meio módulo (*gradus*) situadas no centro e nos topos Este e Oeste.

Quem entrava no *forum*, para além deste longo espaço construído no lado sul, encontrava à sua direita (oeste) um *podium* e o templo. Ao centro a praça. À esquerda (este) a eventual *basilica* estava ligada por uma passagem de 3 *passus* de largura marcada por colunas e que servia também de eixo de simetria do *forum*, evidenciando-se como elemento importante na definição visual da praça. Nas paredes que limitavam o lado norte do fórum foram construídas duas absides onde foi recolhida, pelo menos, uma ara invocadora de deus protetor da cidade.

Constatamos que o módulo foi usado no cálculo das proporções dos edifícios, da praça e dos espaços comerciais, mas também no cálculo do espaçamento entre as colunas da galeria comercial, assim como nas medidas das escadarias, na proporção das colunas, balaustradas, arquitraves, frisos, cornijas e coberturas. Todos os compartimentos no fórum foram desenhados e construídos com o mesmo módulo e as mesmas proporções, executadas regularmente, com leituras de simetria, quer para quem entrava no fórum quer para quem estava dentro dele.

Nos últimos anos desenvolvi investigação transdisciplinar com os Arquitetos Pedro Alarcão e Charles Rocha, no âmbito do Centro de Estudos de Arquitetura e

Urbanismo da Faculdade de Arquitetura do Porto, permitindo-nos evoluir na reflexão e na consequente proposta de reconstituição.

Genericamente percebe-se que o *forum*, com a área de cerca de 10000m<sup>2</sup>, englobando os espaços comerciais e os religiosos, a praça e a basílica, construído no início do século II, durante a governação de Trajano e Adriano, passou a constituir o centro da urbanidade de Tongobriga. A edificação de um espaço público como este só foi possível porque os romanos introduziram, em apenas duas gerações, os conhecimentos técnicos que transformaram totalmente a arquitetura tradicional castreja. Mas, em contrapartida, estas alterações não teriam sido possíveis se o trabalho de pedreiro não fosse já uma “arte” usada para afeiçoar muito bem o granito como comprova a qualidade do trabalho de construção do balneário castrejo talhado no afloramento granítico.

O trabalho de aprofundamento das relações entre os vestígios, as ruínas, as lógicas construtivas e o desenho (Fig. 3), permitem apontar que este *forum* seria um espaço afirmado por quatro pórticos de três colunas (Fig. 4), em que o seu corpo central se dividia em dois espaços: o espaço da praça de 1 *actus* de largura e 1,5 *actus* de comprimento, e o espaço do templo, em que no meio existia uma relação visual entre as duas absides quadradas situadas nos lados norte e sul (ROCHA, 2011:77).

O templo inscrevia-se num retângulo de 11,84 por 23,68 metros, correspondendo a 8 por 16 *passus*. Os elementos graníticos recolhidos permitem identificar as quatro esquinas decoradas do *podium*. A frontaria do templo tinha a largura de 8 *passus* e foi possível identificar a inserção das escadas que teriam a largura de quatro *passus*.

A análise da evolução do urbanismo de Tongobriga permitiu-nos confirmar que foi suportado na reprodução do *actus quadratus* com os lados implantados nos sentidos norte/sul e este/oeste, embora com adaptação em certas zonas da cidade onde se denotam as construções implantadas rigorosamente segundo diagonais a 45°, as quais têm vindo a ser reconhecidas em várias estruturas. Este tipo de implantação também foi reconhecido após as escavações arqueológicas que se concentraram no que se julga ser o anfiteatro e que permitiram identificar uma rua enquadrada por uma diagonal semelhante, podendo ser assumida como eixo que cortava transversalmente a zona poente da cidade.

A rede ortogonal implantada em Tongobriga no final do século I terá servido de referência às construções e remodelações feitas ao longo dos séculos II, III e IV. No entanto, já no século VI a basílica paleocristã foi implantada num espaço central da zona habitacional, sinal evidente de que o fórum não era espaço central para a nova religião.

As ruínas de Tongobriga perderam-se no tempo e muita da pedra do *forum* poderá ter sido transportada para as construções dos conventos de Alpendurada e Tuias<sup>6</sup>. A

---

<sup>6</sup> A inscrição dedicada a Augusto, recolhida em Alpendurada, foi indicada por Armando Coelho como podendo ser proveniente de Tongobriga. É reconhecido que muita pedra foi retirada das ruínas para novas construções. Tal ainda se verificava no século XX.

pedra com uma inscrição que poderia ser dedicada ao Imperador Augusto, recolhida num muro da cerca do convento de Alpendurada, poderia ser uma das muitas pedras que foram retiradas de Tongobriga. (SILVA, 1984: 47)

Impondo-se pela evidência da qualidade construtiva e projetual, *Tongobria*, ocupando a área de uma *centuria*, incluindo as necrópoles, constitui caso de estudo que propõe comparação com o resto do império e problematiza as razões profundas da aculturação romana já em fase tardia (século II d.C.) e na distante periferia atlântica do Império.

Reconhecemos que durante a governação de Augusto, a civilização romana se expandiu a ritmo notável em todo o mundo antigo, influenciando a arquitetura e o urbanismo, a arte, a religião, o direito, os costumes, os lazeres e a vida quotidiana. A economia imperial tornou-se global, abrangendo inúmeras economias regionais desde o Atlântico ao Médio Oriente, desde as terras frias do norte da Europa até aos desertos do norte de África.

A propósito da denominada romanização, Christian GOUDINEAU (2007: 29-33), defende que a palavra «romanização» foi criada em torno de 1830-1840 para indicar a passagem do estado de bárbaro para a ordem romana, assumida como paz e civilização. Mas este conceito evoluiu gradualmente ao longo do século XX, com incidência após a 2ª guerra mundial. Apesar das várias reflexões e interpretações que têm sido consideradas ao longo do tempo, ainda é um conceito que continua a alimentar algumas discussões. Numa obra publicada em 2003, Ramsay MACMULLEN suportado em numerosas fontes arqueológicas recolhidas, propunha que a dinâmica de expansão da romanização nas zonas situadas longe de Roma poderia ter sido suportada pelo facto de no final do século I mais de meio milhão de veteranos terem sido instalados em “colónias fora de Itália”, ajudando a promover a instalação de cidades e divulgar a constituição cívica do tipo italo-romano. A quantidade de moeda posta à disposição de muitos destes veteranos, romanos e indígenas, assumidos como notáveis e ambiciosos cidadãos, terão

---

Investigação documental realizada por António Lima aponta os limites das terras de Tuias, e eventualmente de Alpendurada, até ao século XIX, algures entre a Capela dos Mouros e a Casa da Família Serpa Marques. Podemos associar este limite à ruína da muralha do século I, assumindo que ainda poderia ser visível ou pelo menos com volume de ruína ainda marcante, de tal modo que poderia servir de limite entre propriedades. Esta divisão de propriedade poderá apontar que os ritmos de desmontagem das ruínas do fórum e termas foram diferentes dos da zona habitacional, porque eram proprietários diferentes. Se assim aconteceu, a pedra das termas e do fórum poderiam ter sido levadas para o lado de Alpendurada, justificando-se os trilhos abertos nos afloramentos graníticos do lado sul. Trilhos abertos sem rigor, cortando pelo caminho mais curto, mas com manifestos indícios de terem sido cavados pelos rodados de carros pesados. Estes trilhos terminam junto dos muros, junto das ruínas, nos sítios onde era possível desmontar a pedra das ruínas. Assim, as pedras do fórum foram para sul, eventualmente para Alpendurada, as da zona habitacional foram para norte, para Tuias. Poderá perceber-se agora o significado da quantidade de trilhos marcados nos afloramentos e que aparentemente estão fora de qualquer lógica urbana, nomeadamente os existentes do lado sul do fórum, dirigindo-se através de Montedeiras e do Confurco, para a zona de Alpendurada. A estrada romana fora traçada século antes com outros intuitos e passaria por Tuias, tornando o percurso muito mais longo. Tudo isto poderá induzir-nos a firmar que a inscrição dedicada a Augusto e atualmente depositada em Alpendurada poderia ter pertencido a um templo em Tongobriga, tal como apontou Armando Coelho.

servido para dar a conhecer, para introduzir no quotidiano e para alicerçar o modo de vida romano. Na perspetiva deste autor, a aculturação do mundo romano explica-se não só pelo imperialismo político e cultural romano, mas também pelo desejo das populações conquistadas imitarem os conquistadores.

No caso de Tongobriga, se tal aconteceu, podemos concluir que os romanos foram exímios em responder à medida destes desejos, graças às técnicas eficazes de globalização dos modelos que neste caso se adequaram plenamente ao trabalho do granito.

### **Bibliografia**

ANDRÉ, Pierre, (2011) Au service de l'Architecture Antique, *Actas do Seminário Internacional de Arquitectura e Arqueologia – Interpretar a Ruína. Contribuições entre campos disciplinares*, Porto : FAUP, p. 147-155

CHOUQUER, Gérard, (2010) *La Terre dans le monde romain*, éditions errance, Paris

DIAS, Lino, (2011) *Interpretar o processo destrutivo; da ruína ao construído*, *Actas do Seminário Internacional de Arquitectura e Arqueologia – Interpretar a Ruína. Contribuições entre campos disciplinares*, Porto: FAUP, p. 125-132

DIAS, Lino (1997) *Tongobriga*, Lisboa: IPPAR

GOUDINEAU, Christian (2007) *Réflexions sur la Romanisation*, Paris: Ed. Errance, p. 29-33

MACMULLEN, Ramsay, (2003) *La romanisation à l'époque d'Auguste*, Paris: Edit. Les Belles Lettres

ROCHA, Charles. (2011) *Centro Cívico de Tongobriga – contributos para a sua reconstituição conjectural*, dissertação de mestrado integrado em arquitetura, Porto, FAUP, edição policopiada

SILVA, A.C.F. (1984) Aspectos da proto-história e romanização no concelho de Vila Nova de Gaia e problemática do seu povoamento, *Gaya*, II, Vila Nova de Gaia

DAVEAU, SUZANNE (1991) Comentários e Actualização, *Geografia de Portugal – A vida económica e social*, 4, Lisboa, p.1133-1294

VEGA, PEDRO FERNÁNDEZ (1999) *La casa romana*, Madrid: ediciones Akal

RIBEIRO, ORLANDO (1986) *Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico*, Lisboa

LAUTENSACH, HERMANN (1987) As Características Fundamentais da Geomorfologia, *Geografia de Portugal – A Posição Geográfica e o Território*, 1, Lisboa, pp.121-166



Fig. 1 - No final do século I a.C. e no início do século I d.C. foi construída uma muralha com troços retilíneos. Junto dela, no lado exterior, a sul, foi construído o balneário do tipo pedra formosa. A área interior da muralha, onde foram identificadas casas de planta circular, tinha a área de cerca de 13 hectares (138.000m<sup>2</sup>).



Fig. 2 - Procura-se sintetizar a implantação do *Actus Quadractus* na estruturação da cidade no final do séc. I e início do séc. II. A muralha foi ampliada de modo a integrar os novos espaços, embora salvaguardando a continuidade dos espaços de necrópole de cremação já existente e que assim se manteve no exterior do novo traçado.

A área global de espaço intramuralha passou para cerca de 21 hectares (21.650m<sup>2</sup>).

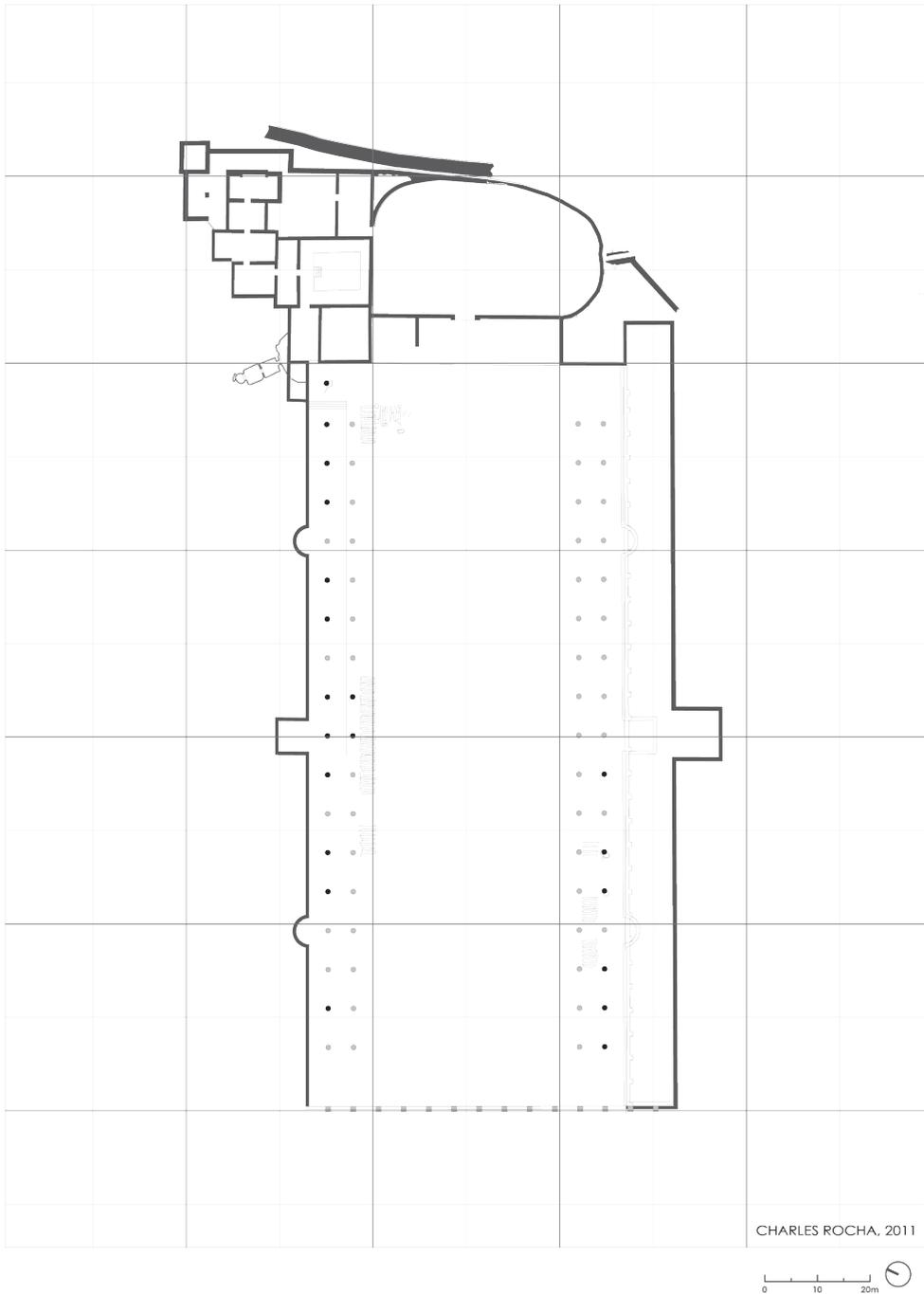


Fig. 3 - Enquadramento do *Forum* e *Thermae* na implantação da cidade regulada pelo *Actus Quadractus*.

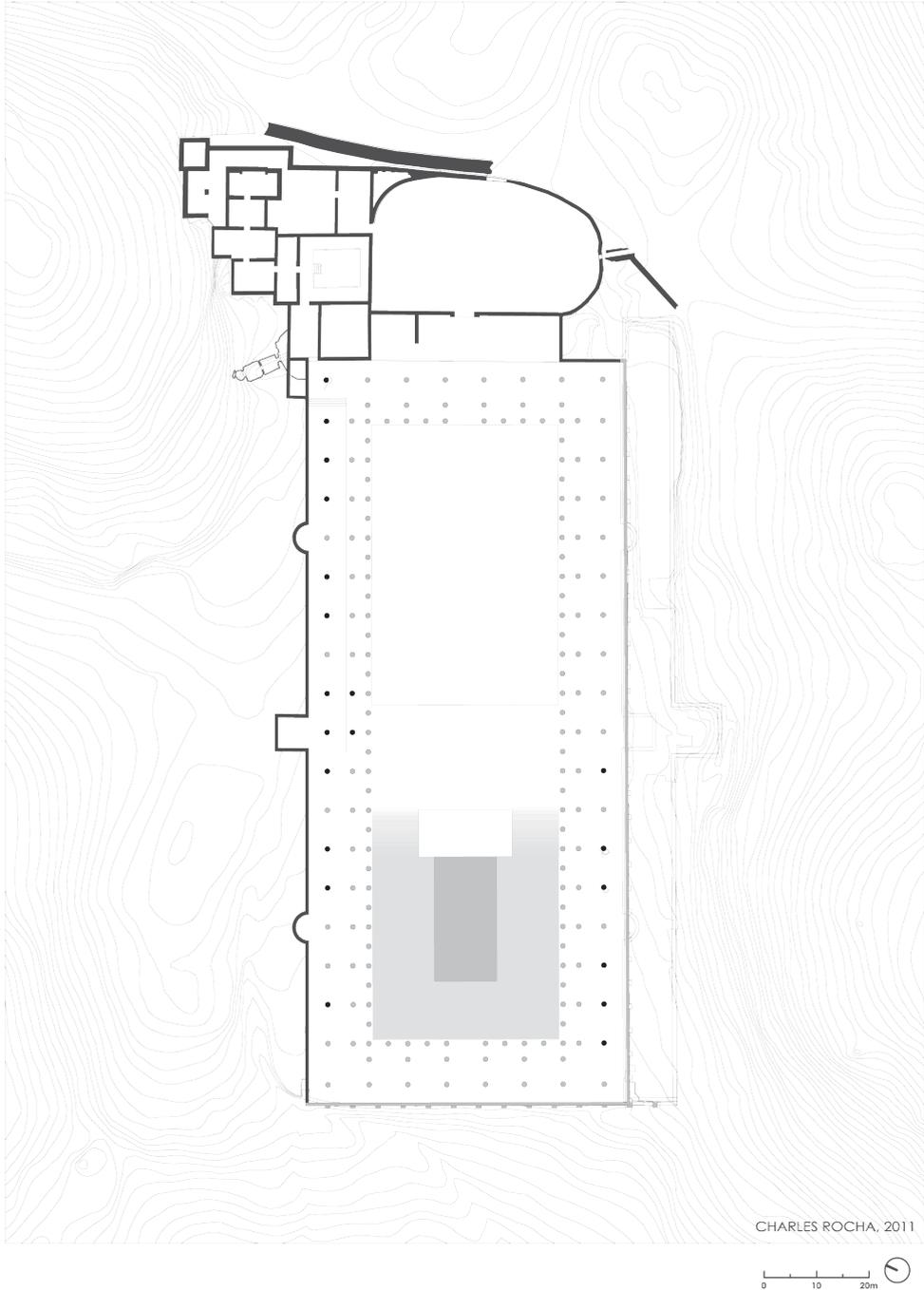


Fig. 4 - Reconstituição do *forum*. O desenho que resultou da análise dos elementos identificados em escavação arqueológica permite propor que seria um espaço afirmado por quatro pórticos de três colunas. O corpo central dividia-se em dois espaços: a praça de 1 *actus* de largura e 1,5 *actus* de comprimento, e o templo, em que no meio existia uma relação visual entre as duas absides quadradas situadas nos lados norte e sul.